

5

Conclusão

O que começou com o ímpeto da formação de uma literatura angolana foi, gradualmente, transformando-se no desejo de afirmação da nacionalidade. O empenho dos intelectuais angolanos na formação da literatura do país trouxe à tona um projeto mais amplo e profundo, norteado pelo desejo de criação de uma nação.

A existência de muitas culturas diferentes no país caracterizou o processo de formação da literatura de Angola. Sem negar suas origens e nem sua condição de colônia, os escritores angolanos aos poucos conquistaram seu espaço na literatura e puderam, com isso, reescrever a história do país, até então narrada pela metrópole. Assim, a literatura em formação do país foi transformando-se de literatura colonial em literatura da angolanidade e em literatura de combate, até que houvesse o estabelecimento de uma moderna ficção angolana.

Nessa literatura em transformação, a influência de escritores brasileiros, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, se deu em vários níveis. Seja pelo caráter social e combativo, seja pelas recriações lingüísticas, a literatura de um país que já foi colônia portuguesa serviu muitas vezes de inspiração para os escritores angolanos.

Nesse sentido, principalmente através da literatura, “o processo de conscientização de muitos setores da intelectualidade africana”, contou com o suporte da cultura brasileira, que se fez presente ao oferecer “parâmetros que se contrapunham ao modelo lusitano”.²³⁵

Vale ressaltar que as influências não se detêm à literatura brasileira. Escritores como Gabriel García Márquez, Júlio Cortazar e Mário Vargas Llosa, entre outros que figuram nas literaturas hispano-americanas, que também experimentaram o processo colonial, são de importância capital na formação de

²³⁵ CHAVES, Rita. “O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa”. In: *Angola e Moçambique – Experiência Colonial e Territórios Literários*. op. cit., p. 276.

Boaventura Cardoso e decerto influenciaram o autor que ele é hoje, como ele mesmo afirma.²³⁶

Após 1975, todas as utopias que envolviam a liberdade, a reconstrução, o recomeço e o sentimento de nação a serem adquiridas com o fim da colonização – utopias estas que nortearam grande parte dos textos do período anterior à independência – se transformaram em desilusão. Esse sentimento é representado criticamente na produção literária de Boaventura Cardoso por meio da devastação de cidades, de famílias, de ideais e de perspectivas para o futuro.

As guerras civis pelo controle do poder político do país que duraram 27 anos, somadas à profusão de movimentos religiosos motivados por interesses econômicos, dificultaram as relações internas no país e postergaram ainda mais o desenvolvimento da consciência nacional. Na literatura, escritores como Pepetela, Manuel Rui e Boaventura Cardoso fazem referências a esse período bastante conflituoso e sanguinário.

Sem harmonia interna, o sentimento de nação custa a se desenvolver na sociedade. A destruição física e emocional do país proporcionada por guerras civis intermináveis dificultou a formação da unidade nacional. Afinal, como acreditar na construção de uma nação cujos dirigentes se voltam uns contra os outros, em que a desconfiança entre o povo é crescente?

Foi apenas muito recentemente, em 2002, que Angola conseguiu alcançar a paz. Contudo, no estado dilacerado em que se encontra o país, sua reconstrução levará tempo. A literatura apresenta-se como uma forma de “dar a conhecer acontecimentos que estão na origem de alguns traumas que sacodem o tecido social angolano”.²³⁷ Partindo do princípio de que “se dizer literariamente corresponde à prática de uma ação”²³⁸, aos escritores angolanos fica a tarefa de agir, no sentido de recriar, denunciar e preencher as brechas existentes na história. Assim, promove-se a compreensão da situação atual do país a fim de prospectar melhorias para um futuro próximo.

²³⁶ CARDOSO, Boaventura. “Entrevista”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *op. cit.*, p. 24.

²³⁷ CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. “Breve apresentação dos textos de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*, *op. cit.*, p. 253.

²³⁸ AMANCIO, Íris Maria da Costa. “Exercícios de estilo: ritos e ritmos em narrativas de Boaventura Cardoso”. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; MATA, Inocência (Org.) *Boaventura Cardoso, a escrita em processo*. *op. cit.*, p. 81.

Nesse sentido, cabe às nações *irmãs*, tendo em vista o histórico de devastação, apoio, más e boas intenções que as conecta, colocar em prática os projetos desenvolvidos pela CPLP. Como Ministro da Cultura, Boaventura Cardoso “tem defendido uma política mais eficiente para as relações afro-luso-brasileiras na CPLP, transferindo para além das linhas da ficção suas preocupações”.²³⁹

Sob essa perspectiva, cabe aos dirigentes desses países assumirem o compromisso firmado há tempos no sentido de reconstruir e de reerguer Angola, compreendendo a política de globalização mundial como um dos meios possíveis de auxílio para o restabelecimento do país no âmbito sócio-econômico.

²³⁹ VECCHIA, Rejane. “Entre passado, presente e futuro, o materno mar”. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia; VECCHIA, Rejane (org.). *A Kinda e a Misanga: Encontros brasileiros com a literatura angolana*, op. cit, p. 326.